



## A VIDA NÃO É UM FATO CONSUMADO: INQUIETAÇÕES ENTRE TERRITÓRIOS, TEMPOS E HISTÓRIAS

La vida no es un hecho consumado: inquietudes entre territorios, tiempos e historias

Life is not a consummate fact: uneasiness between territories, times and histories

La vie n'est pas un fait complet: questions entre territoires, temps et histoires

<https://doi.org/10.35701/rcqs.v22n1.452>

Telma Bessa Sales <sup>1</sup>

### Histórico do Artigo:

Recebido em 03 de Julho de 2019

Aceito em 30 de Agosto de 2019

Publicado em 25 de Abril de 2020

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo registrar e exercitar a escrita com base no que vivenciamos recentemente em meu local de trabalho, a Universidade Vale do Acaraú, em Sobral, no Ceará. A partir da metodologia da história oral e considerando as reflexões no curso de História (graduação) e no Mestrado em Geografia, o artigo foi desenvolvido. Observando a conjuntura, as transformações sociais e políticas que vivenciamos, é possível afirmar que a dinâmica nacional é sentida nas localidades e segmentos da sociedade e no cotidiano dos estudantes, implicando uma análise e ação coletiva para a conquista de direitos humanos e o fortalecimento das lutas por uma universidade pública, democrática e de qualidade.

**Palavras-chave:** Democracia. Diariamente. Experiência.

### ABSTRACT

This article aims to record and exercise writing based on what we have recently experienced at my place of work at the Vale do Acaraú University, Sobral, Ceará. From the methodology of oral history and considering the reflections within the course of History (undergraduate) and in the Master of Geography, the article was developed. Observing the conjuncture, the social and political transformations that we live, it is possible to affirm that the national dynamics is felt in the localities and segments of society and in the daily life of the students, implying an analysis and collective action for the conquest of rights and the strengthening of the struggles by a public, democratic and quality university.

**Keywords:** Democracy. Daily. Experience.

<sup>1</sup> Professora Dra. do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG - UVA). Grupo de pesquisa (CNPq) História: memórias no plural. Email: telmabessa@hotmail.com

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo registrar y ejercitar la escritura con base en lo que vivimos recientemente en la Universidad Vale do Acaraú, en Sobral, en Ceará. El artículo fue desarrollado a partir de la metodología en historia oral y considerando las reflexiones del curso de Historia (graduación) y de la maestría en Geografía. Al observar la coyuntura, las transformaciones sociales y políticas que vivimos, es posible afirmar que la dinámica nacional refleja en las localidades, en los segmentos de la sociedad y en el cotidiano de los alumnos, implicando un análisis y acción colectiva para lograr los derechos humanos y el fortalecimiento de las luchas por una universidad pública, democrática y de calidad.

**Palabras Clave:** Democracia. A diario. Experiencia.

## RÉSUMÉ

Cet article vise à enregistrer et à exercer l'écriture sur la base de ce que nous avons récemment vécu sur mon lieu de travail à l'Université Vale do Acaraú, à Sobral, Ceará. Sur la base de la méthodologie de l'histoire orale et compte tenu des réflexions dans le cours d'histoire (premier cycle) et le Master en géographie, l'article a été développé. En observant la conjoncture, les transformations sociales et politiques que nous vivons, il est possible d'affirmer que la dynamique nationale se fait sentir dans les localités et les segments de la société et dans la vie quotidienne des étudiants, impliquant une analyse et une action collective pour la conquête des droits de l'homme et le renforcement des luttes pour une université publique, démocratique et de qualité.

**Mots-clés:** démocratie. Tous les jours. L'expérience.

## INTRODUÇÃO

A cidade de Sobral, localizada na Região Noroeste do Ceará, possui um conjunto patrimonial que atrai turistas, sendo também um orgulho para os sobralenses. Com seus casarões do século XIX, localizados no centro histórico, além de diversos espaços fabris reutilizados como equipamentos culturais, é possível afirmar que ela é uma referência. Pode-se imaginar como esta cidade foi se constituindo, inclusive em sua expansão urbana e desenvolvimento econômico através dos ciclos do gado e do algodão, estabelecendo ligações com o estado do Piauí, bem como os demais municípios do Ceará.

O centro histórico possui um conjunto de casas de arquitetura antiga que foi tombado em 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e abrange uma área que se estende da margem do rio Acaraú à Rua Coronel Monte Alverne. Nesta área podem ser encontradas edificações remanescentes do século XVIII, além do Teatro e a Praça São João, um conjunto de casas em estilo *art nouveau*, sobrados decorados com motivos greco-romanos e várias construções religiosas, como as igrejas da Sé e dos Pretinhos de Nossa Sra. do Rosário (construída por escravos).<sup>2</sup>

É para esta cidade considerada um nó na teia econômica do Estado do Ceará, com influência sobre outros 40 municípios da região, que milhares de estudantes, em busca de uma formação acadêmica, dirigem-se diariamente, inclusive para a Universidade Estadual do Ceará (UVA). Esta nasceu a partir de considerável poder de articulação da diocese de Sobral, que em 1961 criou Faculdade de

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/242>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

Filosofia Dom José, que posteriormente daria lugar à UVA. Em 1968, por iniciativa do Cônego Francisco Sadow de Araújo e através da Lei Municipal Nº 214 de 23/10/1968, sancionada pelo Prefeito de Sobral Jerônimo de Medeiros Prado, é criada a Universidade Vale do Acaraú. Através da Lei Nº 10.933 de 10/10/1984, o Governo do Estado do Ceará cria, sob a forma de Autarquia, a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Com a criação da Autarquia são encampadas as Faculdades de Ciências Contábeis, Enfermagem e Obstetrícia, Educação e de Tecnologia, que compunham a antiga Fundação Universidade Vale do Acaraú, e a Faculdade de Filosofia Dom José, pertencente à Diocese de Sobral.

Como assinalam (FREITAS e SALES, 2018) a UVA oferecia, em Sobral, 26 cursos de graduação, com 10.241 estudantes matriculados no ano de 2015. Seu corpo docente era formado por 402 profissionais, dos quais 311 eram efetivos e 91 substitutos. Com o surgimento da UVA, não apenas a população sobralense, mas também das cidades vizinhas, passou a ter opção de educação superior, sem ter de se deslocar para Fortaleza ou Teresina, os polos de oferta mais próximos até então. A cidade, que antes era núcleo de atração de mão de obra por causa de sua industrialização (e antes disso, por ter sido entreposto de comercialização de gado, algodão e diversos produtos agrícolas), sendo uma das maiores beneficiadas historicamente pelos investimentos estruturantes do Estado, agora acumula mais uma qualidade essencial na rede econômica, estabelecendo-se como centro regional de formação de mão de obra.

É nesta realidade que se insere o campus acadêmico ou o Centro de Ciências Humanas – (CCH) da UVA, localizado no bairro Junco em que estão organizados os cursos de Geografia, História e Ciências Sociais, além do Mestrado em Geografia e o Mestrado Profissional em Ciências Sociais<sup>3</sup>.

Este artigo trata, em certa medida, sobre os modos de estudar e viver de estudantes do CCH. No curso de História, por exemplo, é bastante refletido o tema do protagonismo e ação social dos estudantes, tendo em vista uma sociedade garantidora de educação, saúde, segurança para todos os cidadãos. Vejamos o que apresenta o plano político pedagógico deste curso:

'Aspiramos hoje a possibilidade de pensar a História como um campo do conhecimento cuja finalidade primeira será a de compreender as experiências humanas no tempo, em contínua mudança [...] para ajudar a construir e a transformar o lugar social em que vivemos'

---

<sup>3</sup> A partir do mês de abril os cursos serão separados e as aulas ministradas nos espaços de outros centros como CCS – CIDAO e Betânia devido à reforma do espaço estrutural do CCH.

No fragmento de texto acima há uma questão colocada em prática no cotidiano pedagógico por diversos professores. Trata-se não só de um conceito sobre História: implica uma ação que faz interface com a prática, une teoria e prática no fazer educacional.

A reflexão, neste texto, se reporta à ação dos professores, que vai além da sala de aula, que articula a opção teórico-metodológica de forma 'extra muros', insere-se num contexto de diálogos com estudiosos de diversos campos das ciências humanas, pois a interdisciplinaridade deve ser uma realidade constante em nosso fazer cotidiano. Há perspectivas multifacetadas sobre os temas com os quais trabalhamos (educação, gênero, patrimônio, violência, saúde, cultura etc.) e esta é a marca da valorização do outro e respeito às visões plurais.

Nesta perspectiva, vale pensar na produção das monografias que fazemos e que abordam temas diversos como: violência doméstica, crimes passionais, política, religiões, ofícios em extinção, o modo de vida de agricultores. Ao mesmo tempo, esses estudos apresentam problemáticas que se referem aos setores excluídos da História, como trabalhadores, migrantes, mulheres, e dentro da história local evidenciam a realidade em que se vive.

A construção do saber acadêmico seja no curso de História ou de Geografia implica em dedicação, estudo e uma reflexão além da sala de aula. Como assinalam (SÁ, M.C de, HOLANDA, V.C.C. 2010 p. 114) ao analisar as mudanças na licenciatura do curso de Geografia, preocupam-se em 'avaliar se a formação do professor apresenta perceptíveis mudanças no que consiste a aproximação dos conteúdos discutidos em sala e a realidade vivenciada pelo formando no espaço da escola".

E continuam a análise:

Segundo o levantamento socioeconômico, a maioria dos discentes do Curso de Geografia, é oriunda de outros municípios, pertencente às classes populares. Cursos em sua grande parte o Ensino Médio em Escola Pública. Se deslocando até a universidade utilizando como principal meio de transporte o ônibus e/ou lotações. A maior parte desses alunos, algo em torno de 55,96%, é sustentada pela família; 14,90% são responsáveis pelo próprio sustento, e 13,91% dos alunos são responsáveis pelo sustento da família.

Há que se considerar as análises de diversos geógrafos que apontam a necessidade da estreita relação entre o saber acadêmico e a realidade em que se vive, como se destaca: (OLIVEIRA E TRINDADE 2008, p. 71-72):

As decisões preliminares quanto ao perfil competências e habilidades a serem desenvolvidas, através do ensino de Geografia, vão ajudar a definir o tipo de cidadão: se consciente e crítico de sua realidade ou apenas um reproduzidor da realidade hoje existente, que prima tão somente por atender as demandas do mercado e confirmar/ampliar as desigualdades sociais.

É importante levar em conta nos estudos, o contexto e a realidade onde estão inseridos os estudantes da UVA e do CCH, especialmente. A partir da análise do local e questões relacionadas ao regional, são colocados assuntos sobre o nosso país, que estão presentes em todas as universidades, pois estes estudos ajudam a entender o contexto histórico, as ações, tensões dos sujeitos sociais no Ceará e no Brasil. Pensar este viés relacional entre micro e macro, local e global é importante. Não é somente a partir da análise do global que se apreende e se analisa a realidade ou o contexto. Importa sim, ter uma visão mais ampla dos processos, considerar a multiplicidade dos contextos, como nos informa Revel (1988, p.27):

Assim é possível redefinir a noção de contexto, para que não haja simplesmente uma leitura do contexto global para situar e interpretar os textos. Adotam-se procedimentos para que o pesquisador possa reconstituir a multiplicidade dos contextos necessária à compreensão do fenômeno.

Como afirma Boaventura Sousa Santos, “todo o conhecimento é local e total”. Este estudioso apresenta uma nova forma de compreender as ciências e a construção do conhecimento – o paradigma emergente. Santos (2001, p. 18) lembra nessa tese seu compatriota poeta Miguel Torga, que diz: “o universal é o local sem paredes”. Substitui universal por global para dizer que o “global é o local sem paredes” e, portanto, o local deixou de ser apenas local. Assinala ainda que a ciência do paradigma emergente valoriza a pluralidade metodológica como forma de garantir o “conhecimento sobre as condições de possibilidade”.

Esta discussão teórico-metodológica diz respeito não somente à História, mas às ciências humanas. Importa remeter à discussão sobre o paradigma da racionalidade da sociedade moderna, que está em crise, segundo o professor Boaventura de Sousa Santos, e a necessidade da criação de outro paradigma, emergente, que ele denomina de paradigma de um ‘conhecimento prudente para uma vida decente’. Este paradigma reconhece a complexidade da construção do conhecimento. É ao mesmo tempo científico (conhecimento prudente) e social (vida decente), para a vida mudar para melhor, e todos devem repensar as atitudes, as escolhas e decidir quais são as alternativas para uma vida melhor<sup>4</sup>.

E, no caso do curso de Ciências Humanas (História, Geografia) que se veem ameaçados por propostas como a “escola sem partido”, que segundo FRIGOTTO (2017) é uma mordalha aos educadores, com um discurso intolerante e ameaça o direito às diferenças e às liberdades, estamos preocupados com a necessária relação entre a produção do conhecimento acadêmico e a sociedade, o papel e a importância política do historiador. Percebemos que na atualidade o historiador é chamado na

<sup>4</sup> SANTOS, BOAVENTURA SOUSA (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

cena nacional para falar de temas como ética, corrupção, violência no Brasil. Diante disso, importa estudarmos, analisarmos e contribuir para a compreensão do mundo.

Aqui é importante nos remeter à História Pública, que é um espaço de debate internacional. Como Almeida (2011) assinala, a história pública atua como uma possibilidade de difundir o conhecimento histórico produzido na academia para amplas audiências por meio de arquivos, jornais, revistas, rádios, editoras, museus, organizações governamentais etc.

Professor da Unifesp, Corrêa (2016, p. 28) aponta que o campo da história pública se divide em "história feita para o público", "história feita com o público", "história feita pelo público" e, por fim, "história e público". Tem a intenção de comunicar um conhecimento histórico com o sentido de informar e suscitar reflexão no público assistente. Inclusive, uma das críticas que se faz a esse tipo de produção seria a "passividade" do público, sendo entendido como mero espectador. Importante que se diga que tal crítica é rebatida pelos praticantes da história pública, que salientam o "aspecto positivo da profissionalização" e entendem que "a história para o público se apresenta como um elemento capaz de matizar críticas a respeito da incomunicabilidade da pesquisa acadêmica com a sociedade mais ampla".

Nesta dimensão, destaco o professor que consegue articular as reflexões teóricas com uma prática coletiva e social, dentro e fora dos campi universitários, envolvendo os segmentos historicamente colocados à margem da história. Especialmente por meio da História Social, que é um campo que aborda objetos de pesquisa que representam as classes menos favorecidas na sociedade.

Portanto, lembremos que mais rico se torna o trabalho de pesquisa quando os elementos de uma corrente são mesclados com de outras. Sendo assim, a História Social colhe muitos frutos quando utilizada em paralelo com a história oral, por exemplo. Vale lembrar que há um historiador, **Edward Palmer Thompson**, que integrou uma corrente comprometida com a "História vista de baixo", cujo trabalho se empenhava em abordar camponeses, operários, escravos, pessoas comuns ou menos favorecidas da sociedade para revelar maior riqueza das relações sociais.

Este historiador militante escreveu: "As universidades precisam do contato de diferentes mundos de experiência, no qual ideias são trazidas para a prova da vida". Durante sua vida, além da produção intelectual reconhecida mundialmente, fez seu trabalho profissional historiográfico com compromisso, engajamento e ação<sup>5</sup>. Ao tratar de sua obra, o historiador Batalha (2000) destaca sua ação para além dos muros acadêmicos, o que implicou conflitos e tensões com as instituições: seus escritos não estavam separados de sua atuação como militante.

---

<sup>5</sup> THOMPSON, E. P. Educação e experiência. In: *Os românticos. A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 45. Obras: *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012

Inspirados por este autor, continuamos na esteira de ampliar as pesquisas no campo da história social, revelando os debates, tensões e lutas, os segmentos menos favorecidos da sociedade, bem como a concepção da pluralidade de fontes e registros documentais.

## AS LUTAS DE ONTEM E DE HOJE

Especialmente após 2013, há no Brasil uma conjuntura de inquietações sociais. Lembramos as manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo que tomaram uma dimensão nacional.

**Figura 1:** Protesto contra o aumento das passagens de ônibus no centro do Rio de Janeiro, em 14 de junho.



Fonte: Wikipédia.

Hoje nos surpreendemos com atos isolados, que a cada dia ganham força, apoiando torturadores, manifestações com preconceitos e intolerância. Refiro-me em especial às manifestações como a do dia 15 de março de 2015, quando se destacou uma faixa com críticas ao professor Paulo Freire, como 'doutrinador marxista'. Diversas manifestações tomaram as ruas, com representantes tanto da direita, quanto da esquerda e reivindicavam ardorosamente, nos seus respectivos campos de atuação político-ideológica, a saída ou a permanência da presidenta Dilma Rouseff e do Partido dos Trabalhadores – PT do governo.

Somando-se a tais manifestações, o discurso de uma mídia sensacionalista, bem como, a ação de uma justiça seletiva, claramente atrelada aos interesses conservadores, vinculados aos grupos mais reacionários do Congresso Nacional, fizeram com que se desencadeasse o processo de *Impeachment* que destituiu a presidenta Dilma do cargo, sendo assumido por seu vice, Michel Temer, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB. Ou seja, o Brasil vivenciou mais um golpe político na sua história recente, tornando-se inevitável suas correlações com a conjuntura de 1964 e os anos de chumbo que o Brasil vivenciou.

Muitas análises de políticos, de intelectuais de esquerda, de militantes dos movimentos sociais, de coletivos juvenis engajados politicamente inundaram as redes sociais e outros canais de participação

política trazendo comparações entre as conjunturas de 1964 e de 2016. Observa-se um esforço em se balizar as semelhanças e diferenças entre o golpe de outrora e o golpe “branco” que segue em curso nos dias atuais, com ameaças concretas aos diversos direitos trabalhistas, civis e sociais.

Em 16 de março de 2017, inspirados pelas discussões sobre a reforma previdenciária e flexibilização dos direitos trabalhistas, professores e alunos promoveram caminhada pelo centro de Sobral, dialogando com a população para o fortalecimento da democracia e ao mesmo tempo destacando a luta por uma educação pública e de qualidade, bem como a situação de ‘abandono’ do Centro de Ciências Humanas – CCH, pauta evidente no período de greve dos docentes desde 2013.

**Figura 2:** Caminhada pelo centro de Sobral, 16 de março de 2017.



**Fonte:** Centro Acadêmico de História-UVA.

Tais acontecimentos trouxeram à baila um grande debate entre historiadores, cientistas sociais e professores das humanidades sobre o tema da ditadura militar. Ou seja, a presença de diversos cartazes e discursos inflamados enaltecendo os tempos da ditadura militar durante as manifestações pró-Impeachment demonstrou o quanto esse episódio da história do Brasil recente parece ser desconhecido pela população brasileira, sobretudo por grande parte da juventude.

Dentro do contexto de manifestações ‘Fora Temer’ que ecoaram de norte a sul do país, a UVA também fez suas mobilizações e, por exemplo, após a realização de algumas greves que vêm unificando a comunidade acadêmica, vive uma realidade de pacto para o diálogo que vêm sendo construído desde 2016. Refiro-me ao processo de discussão coletiva do novo Estatuto da UVA, ou seja, a Estatuinte. Somos chamados a alterar a realidade acadêmica que vivemos e propor concretamente qual a universidade que queremos.

**A Comissão Geral do Processo Estatuinte** da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) foi instalada no dia 28 de fevereiro de 2018 para definir encaminhamentos referentes às diversas atividades até a realização do Congresso Estatuinte, que deverá reformular o Estatuto da Universidade.

**Figura 3:** Lançamento da Comissão geral do processo da Estatuinte.



Fonte: [www.uvanet.br](http://www.uvanet.br)

Momento de organizar, pensar e agir. Retomar as reivindicações e as demandas dos estudantes e dialogar, fazer proposituras que possam incluir e garantir uma universidade pública e de qualidade. A nova ordem social mundial requer que a instituição escolar se reveja. A partir da ressignificação de seus paradigmas emerge a Educação Inclusiva, como assinala Santos (2003).

A Educação Inclusiva é respeitadora da cultura, capacidades e possibilidades de evolução de todos os alunos. Aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade. Reconhece as diferenças e trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhes um sentido. É um novo paradigma organizado em conformidade com um conjunto de valores como respeito e solidariedade para todos.

### **O COTIDIANO DOS ESTUDANTES DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – MARÇO DE 2018**

Dia 16 de março de 2018, dezenove horas. Em sala de aula com os estudantes, quando dialogávamos sobre o conteúdo de uma disciplina que leciono (história oral), recebo a notícia de que homens armados sequestraram e assaltaram, em frente ao campus, um ônibus repleto de estudantes. Logo estudantes pedem para acompanhar amigas que estavam em choque devido o incidente. Um corre-corre para telefonar aos pais e avisar do ocorrido.

Na ocasião, discutíamos a necessidade de ouvir o outro, falávamos do maior desafio do século XXI, que é também democratizar a fala, valorizar visões diferentes, ter respeito às opiniões divergentes, acolher os segmentos sociais não inclusos nas instituições, nos discursos autorizados da História.

Aprendi que entender e fazer história é incluir, é ouvir o pulsar da realidade e dos sujeitos históricos. Como não entender aqueles jovens interpelando “professora temos que fazer alguma coisa”, “já está virando rotina esses assaltos”, “eu estou com medo”?

Os relatos destes estudantes descrevem a autenticidade de uma jornada diária vivida por eles de cansaço, transporte deficitário, falta de estrutura dentro e fora do campus. Essa realidade pode

representar a ponta de algo muito maior que vivemos dentro de uma estrutura social de desigualdade, precarização, violência, intolerância, preconceito e insegurança.

Já haviam passado trinta minutos e o ambiente se tornou um encontro de vozes que desabafavam, denunciavam, reclamavam. Assim, a aula que seria teórica, imediatamente passou a ser uma assembleia no auditório do campus com a presença dos estudantes e professores dos cursos de História e Ciências Sociais, que definiram ações para contribuir para a resolução do problema da violência.

Esta iniciativa é fruto da articulação e mobilizações com as turmas de História desde 2014, 2016, 2017, herança das movimentações em torno das lutas e reivindicações de uma reforma imediata no prédio do CCH. Estamos envolvidos num sentimento de solidariedade e a necessidade de agir por relações de igualdade e respeito, na luta por uma vida digna para todos.

Enfim, após esse caso violento e várias manifestações e diálogos com a secretaria de segurança, diretor de centro, bombeiros, eis resoluções: um espaço dentro do CCH específico para os motoristas dos ônibus dos distritos; a presença de policiamento nos horários de entrada e saída de estudantes; investigação e prisão para sanar os assaltos corriqueiros ao redor do centro.

Dia 14 de março. Apenas dois dias antes, a mídia relata a tragédia da execução de uma vereadora militante e defensora dos direitos humanos no Rio de Janeiro. Assassinada com armas e munições pertencentes à polícia federal, o caso da vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL/RJ), demonstra que as diversas realidades locais se relacionam em um contexto global amplo.

**Figura 4:** Manifestação – contra a violência, Mariele vive!



**Fonte:** [www.marielelive.com](http://www.marielelive.com). domínio público.

Ainda nada esclarecido sobre o caso. Resta-nos saber que vale a pena lutar e não esquecermos, para que todos estejam cientes dos processos históricos. Assim destaca Sarlo (2005, p.26):

Lemos para esquecer e também lemos para não esquecer. Escreve-se para esquecer e o efeito da escritura é fazer com que os outros não esqueçam. Escrever-se para lembrar, e amanhã outros vão ler essa lembrança. Esquecimento e lembrança, essa oscilação permanentemente produzidas por impulsos contrários: escrever para que se fique sabendo.

Finalizando, vale considerar Rubem Alves que sempre nos inspira...

“O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: “Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!”

(Rubem Alves, A alegria de ensinar)

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARROS, José D’Assunção. **O campo da História**. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004
- BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- CORRÊA, Ricardo Santhiago. **História Pública como prática e campo de reflexões: debates, trajetórias e experiências no Brasil**. Texto apresentado como parte do relatório da bolsa PNPd 2013-2014, realizado no PPGH-UFF, sob supervisão da profa. Ana Maria Mauad. Pdf.
- FREITAS, A. Jerfson Lins; SALES, T. B. . O Fies e a Inserção do Bairro Dom Expedito na Dinâmica Socioespacial da Educação Superior Sobralense. In: Silva, Rejane Maria Gomes da; Holanda, Virgínia Célia Cavalcante de. (Org.). **A Expansão do Ensino Superior em Debate**. 1ed.Sobral: Sertão Cult / Edições UVA, 2018, v. , p. 177-198.
- LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.) **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.) **História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- OLIVEIRA, C. G. S.; TRINDADE, G.A. Ensino de Geografia e reflexões acerca da (re)construção do currículo no âmbito da licenciatura. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (Org). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Editus: Ilhéus, 2008
- \_\_\_\_\_. A Geografia como disciplina: trajetória nos currículos escolares do Brasil e o seu ensino como questões centrais da discussão. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (orgs). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2008.
- REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 109.
- ROSENTHAL, Paul-André. Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Fredrik Barth e a ‘microstoria’. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escala. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: EdFGV, 1998, p. 152.
- SÁ, M. C. de. ; HOLANDA, V. C. C. . As mudanças na licenciatura em Geografia da UVA: Questões introdutórias. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. IV, p. 114-128, 2010.
- SANTOS, Boaventura Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. 1 ed. 1 reimp. São Paulo: Edusp, 2005, p.26.

THOMPSON. E. P. Educação e experiência. In: **Os românticos. A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002,